

RENAASCEN-  
CA: PORTU-  
GUESA : 

O PORTO  
E A RENASCENCA  
PORTUGUESA

exposição biblio-iconográfica  
organizada pela comissão instaladora do museu nacional de literatura  
e pelo centro de literatura da universidade do porto

4.ª 27 JULHO 1980

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA  
Rua Tenente Valadim, 257 Porto

Aquela primeira folha, dirigida por Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão, Álvaro Pinto e Cláudio Basto, juntava ao eclecticismo e ao preciosismo do título ("Silva... miscelânea literária", como ela própria dicionorasticamente se definia, para evitar equívocos do vulgo) um ideal estreme, embora algo abstracto, de "libertas", afirmandom se os seus animadores "sem servilismos de programas, de escolas, de dogmas", isto é, "absolutamente livres de preconceitos". Essa "liberdade" radical, sinónimo de "supremo Bem" e "suprema Justiça", encontra-se expressa por exemplo no artigo liminar de Leonardo, em que o "homem livre" é contraposto ao "homem legal", sendo este visto, mesmo enquanto cidadão, como um "homem mutilado", enquanto aquele, através da "consciência moral", se ergue religiosamente até Deus, ao mesmo tempo que parte em demanda de uma "sociedade livre". Uma tendência anti-positivista desde logo por aí se manifesta, sobretudo em reacção contra a "ortodoxia conteana", sendo em contrapartida preferentemente pregado um misticismo anarquizante, em que se conjugam as referências a Tolstoi e a Kropotkine. Quer se baptize de "catecismo liberal" quer de "anarquismo puro", numa terminologia sintomaticamente indeterminada, esse ideário distingue-se de modo nítido da ideologia republicana mais típica, então em crescente expansionismo propagandístico: traço diferencial dessa geração que à República aderira e com ela viria a afirmar-se, mas sem se deixar apesar disso recuperar em termos partidários, antes delineando criativamente outras vias de realização. Do lirismo adolescente, entre sentimental e erótico, se bem que já com marcas de autenticidade inconfundível, de Jaime Cortesão, às meditações místico-filosóficas de Leonardo Coimbra, passando pelas preocupações pedagógicas de Álvaro Pinto, em defesa da "Escola Livre", pode detectar-se toda uma gama de registos em que os talentos desses moços iconoclastas se vão desenhando, nos seus dois vectores complementares, heterodoxamente prosseguidos: o da inquietação espiritual e o da intervenção social.

José Augusto Seabra em *O Porto e a Renascença Portuguesa: Exposição Bibliográfica*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1980, pp. nn-nn.